

Por que pessoas inteligentes cometem erros idiotas?

Ildberto Muniz de Almeida

[Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP]

O livro de David Robson, lançado em 2019 nos EUA; foi traduzido em 2021, no Brasil, com o título “*Por que pessoas inteligentes cometem erros idiotas?*”¹ Entre muitas bizarrices e bobagens o autor destaca o fato do Sr. Kary acreditar ter sido abduzido por alienígena que teria tomado a forma de um guaxinim “de olhos negros e sagazes”. Kary acredita em ETs, nos signos do zodíaco [...] e a coisa fica mais bizarra quando começa a falar de política e que não teria base científica a crença de que a Aids seja causada pelo vírus HIV. O nome completo - [Kary Mullis](#) - “*longe de preencher o estereótipo de teórico da conspiração mal informado é um cientista ganhador do Prêmio Nobel*”. O livro discute exemplos desse tipo e estratégias que podem ser usadas para evitar os mesmos erros e a “*ajudar qualquer um a pensar de forma mais sábia e racional neste mundo da pós-verdade*”. A mensagem é: a inteligência não deve ser assumida como sinônimo de bom raciocínio.

O capítulo 6 do livro em português “*Kit detector de bobagens: como reconhecer mentiras e desinformações*” inicia lembrando que em 1999, ano do bug do milênio, a partir da disseminação de um e-mail falso, surgiu o mito das “bananas carnívoras”. Bananas importadas da América Central estariam provocando fascite necrosante [infecção bacteriana grave e rara sob a pele - fâscia] sob a omissão das autoridades governamentais que queriam evitar pânico. Adiante, lembra estudo de 2016 mostrando que mais da metade (50%) das histórias sobre saúde compartilhadas no Facebook foram desmascaradas. Entre elas: “*a vacina contra o HPV aumenta o risco de desenvolver câncer*”. Posso destacar: qualquer semelhança com a atualidade (prefiro usar essa palavra aqui) não é mera coincidência.

Em inglês, a palavra “*Truthiness*” passa a descrever “*a crença de que algo é verdade com base apenas na intuição, deixando de lado evidências, lógica, fatos, pesquisas ou qualquer outra coisa que possa checar a veracidade da alegação. [...] algo que parece verdade mas carece de comprovação*” (pp 150-51). Robson apresenta lista de estratégias usadas na construção e apresentação de *fake news*. Usar fonte agradável, acrescentar uma imagem irrelevante, a simples repetição (“*Talvez a estratégia mais poderosa*”).

A repetição foi usada regularmente pelos lobistas da indústria do tabaco, conforme admitido pelo vice-presidente do “*Tobacco Institute*”, Fred Panzer, em memorando interno “*descrevendo a ‘estratégia brilhante’ do setor para criar dúvidas sobre os males para a saúde sem realmente negá-los*”.

Para isso, recrutou cientistas que questionavam regularmente a opinião da esmagadora maioria dos médicos (p.155). No texto brasileiro, a expressão cientistas, acima citada, aparece sem aspas. Convenhamos, para dizer o mínimo, que esta prática não deve constar em nada que se refira à boa ciência! Importante: conhecer esse tipo de história funcionaria como inoculação, uma vacina contra essas práticas. Ao discutir o combate à desinformação, “particularmente às tentativas de disseminar dúvidas sobre o consenso científico”, Robson comenta a obra “*Manual da desmistificação*”², a propósito das mudanças climáticas. Destaco a afirmação “*empolgante é o fato de que a inoculação em relação a desinformações em uma área ([...] cigarros e câncer) forneceu a proteção em outra (mudança climática)*” (p.163).

O autor apresenta também lista de falácias lógicas mais comuns. Conhecê-las ajudaria você a ligar o sinal de alerta quando estiver sendo enganado por informações que parecem reais, mas não o são. A lista inclui práticas comuns nesses tempos de desgoverno, pandemia e mentiras descaradas.

A título de exemplo, escolho:

- O apelo à ignorância. O mentiroso defende que a falta de evidência seja considerada uma forma de prova. Lembram de um tal remédio milagroso?
- A falsa dicotomia. O mentiroso apresenta um cenário complexo como se houvesse apenas duas saídas, quando existem muitas outras.
- Pistas falsas. Usa pistas irrelevantes para distrair as pessoas das falhas dos argumentos reais. Talvez isso ajude a entender razões que levaram conhecido mentiroso a ter acumulado - até o início de 2020 - média de 7 mentiras/dia desde que assumiu o posto atual. Sempre tentando desviar a atenção daquilo que mais o preocupa.

Retornando às dificuldades do combate à desinformação, Robson cita Lewandowsky e cols. que recomendam “*cuidado especial [...] dando destaque aos fatos. Se possível, deve-se evitar repetir o mito. Ao tentar combater o medo das vacinas, por exemplo, pode-se optar por focar nos benefícios cientificamente comprovados*” (p.157). Se precisar discutir *fake news* garanta que a verdade a ser transmitida tenha sempre maior destaque que a mentira. Se é verdade que esse caminho pode aportar contribuições também parece importante questionar os limites dessa recomendação.

Finalizo sugerindo reflexão sobre até que ponto o desafio do enfrentamento das *fake news* não estaria sendo encarado de modo mais realista por Da Empoli em seu instigante livro “*Os engenheiros do caos*” (2021³).

O “*jogo democrático tradicional tinha tendência centrípeta, ganhava aquele que conseguisse ocupar o centro da arena política*” (p.156). “*No novo mundo... a política é centrífuga.*” (p.156).

Trata-se muito mais de “*inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos*”. Assim, se “o movimento convergente da velha política marginalizava os extremistas”, o novo mundo não os põe no centro “*que deixou de existir. Mas ela lhes oferece um espaço e respostas*” (p.157). Hoje, “*os príncipes do movimento populista mundial aplicam todos o mesmo princípio, cada um com seu explosivo brilho próprio [...] mal nós comentamos um evento, e este já é eclipsado por outro. No centro do processo, a coerência e a veracidade contam muito menos que a amplitude da ressonância*” (p.159).

Como ir além nesse desafio? ■ ■ ■

Citações

1. Robson, David. [Por que pessoas inteligentes cometem erros idiotas?](#) Tradução Maria Cecília Brandi. Rio de Janeiro: Sextante. 2021.
2. Lewandowsky, Stephan; Cook, John; Ecker, U Ulrich. [Manual da desmistificação 2020.](#)
3. Da Empoli, Giuliano. [Os engenheiros do caos.](#) São Paulo, Vestigio; 2021.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.